

Violência contra as mulheres lésbicas

O insulto, o isolamento e a invisibilidade são algumas das faces da violência contra as mulheres lésbicas. Podemos argumentar que este é um ciclo vicioso a que estão sujeitas todas as pessoas não-heterossexuais, homens ou mulheres. Mas no caso das lésbicas todas estas formas de violência assumem contornos específicos que acentuam a sua gravidade.

Numa sociedade em que é habitual (e por muitos considerado absolutamente aceitável) as mulheres serem alvo de ‘piropos’, desde engraçadinhos a ostensivamente ordinários, porque supostamente não há nada de intrusivo nem de violento em invadir o espaço e privacidade de outra pessoa (entenda-se mulher) e tornar o seu corpo objeto de adjetivações, é fácil de entender que uma mulher lésbica muito mais facilmente é objeto de insultos no espaço público. Por ser mulher e por ser lésbica. Não falamos só dos nomes que nos gritam nas ruas, dos gestos obscenos ou do gozo descarado, falamos também das piadas grosseira e dos comentários desrespeitosos sobre mulheres lésbicas que são feitos com toda a facilidade nas conversas de todos os dias nos mais variados contextos, na família, pelas/os amigas/os, no trabalho e na rua. O insulto pode ser direto ou indireto, podemos ser alvo de um insulto ou ter sempre presente a consciência (e muitas vezes o medo) de que pode acontecer, mas é sempre algo que nos acompanha, que se cola à pele e que pode ter um efeito devastador na vida de cada uma.

O isolamento social é outra das faces da violência contra as mulheres lésbicas. O isolamento das jovens que sentem estar sozinhas no mundo, sem ninguém na família ou no círculo de amigos com quem possam falar por receio de possíveis reações negativas, sem suficientes modelos de outras mulheres lésbicas com uma postura de visibilidade que as façam sentir que ser lésbica e feliz é possível, e sem espaços de convívio diversificados e em quantidade que lhes proporcionem a socialização que lhes falta nos contextos diários. Porque as questões de género existem e fazem a diferença, porque mesmo nas comunidades/grupos LGBT a socialização no espaço público se faz maioritariamente no masculino; basta ver um guia LGBT de Lisboa ou Porto e verificar que a esmagadora maioria dos locais identificados são claramente mais inclusivos de gays do que de lésbicas. Mesmo nas associações LGBT que dão um importante contributo para quebrar o isolamento, não é igual ser homem ou ser mulher. As associações LGBT invariavelmente reproduzem os padrões do contexto social em que existem: o sexismo e o domínio masculino. As questões específicas de lésbicas raramente têm um destaque igual às questões mais relacionadas com os gays. Por exemplo, as sexualidades lésbicas são muito menos visibilizadas no contexto das associações LGBT do que as sexualidades gay. Esta realidade está em linha com as campanhas públicas de várias instituições sobre saúde sexual, que reforçam

não só uma perspetiva heterossexista da sexualidade humana, mas também uma perspetiva masculinizada. As referências no contexto destas campanhas a homens que fazem sexo com homens podem não ser positivas estando geralmente associadas a aspetos negativos como as infeções sexualmente transmissíveis, mas mesmo com enviesamento e limitações, as sexualidades gay são mencionadas e ganham visibilidade enquanto as sexualidades lésbicas se mantêm invisíveis, inexistentes. Outro aspeto que reflete o sexismo nas associações/grupos LGBT é termos tido quase sempre um maior número de homens na liderança das associações e grupos informais LGBT, com poucas exceções (uma das quais recente e significativa na Ilga Portugal), enquanto as mulheres desempenharam maioritariamente o trabalho desenvolvido nos bastidores, reproduzindo o modelo sexista existente na sociedade portuguesa. O sexismo prevalecente é ecoado na comunicação social e na opinião pública; por exemplo, o casamento homossexual em Portugal é comumente conhecido como casamento gay, e a palavra "gay" em Portugal é normalmente utilizada para referir homossexuais masculinos e não as lésbicas, o que promove a invisibilidade das mulheres quando se discute esta temática.

Todas estas realidades são simultaneamente causas e consequências da invisibilidade das mulheres lésbicas. E a invisibilidade é uma das formas mais corrosivas de violência contra as mulheres lésbicas. Num contexto de heteronormatividade nos espaços públicos, em que as/os heterossexuais não se sentem constrangidas/os na expressão pública da sua identidade sexual, as lésbicas estão permanentemente conscientes de que os seus comportamentos podem tornar visível a sua orientação sexual, levando a uma constante autovigilância e provocando a sentimentos de isolamento, desconforto e não pertença, com efeitos negativos na qualidade de vida. Uma das formas de discriminação social mais comum é a forte pressão da sociedade para confinar e esconder as sexualidades lésbicas dentro de espaços privados. Esta invisibilidade traduz-se na quase total ausência de expressões públicas de afetos e no não assumir a orientação sexual com as diversas pessoas com quem se interage diariamente. Diversos estudos e relatórios revelam que a maior parte das mulheres lésbicas não assumem uma postura de visibilidade relativamente à sua orientação sexual com a família, vizinhos/as e colegas de trabalho. Este é o retrato de uma sociedade que discrimina e oprime as sexualidades lésbicas.

As políticas que promovem a igualdade em função da orientação sexual são fundamentais para a qualidade de vida das pessoas LGBT. No entanto, estas políticas, em geral, reforçam a dicotomia heterossexual/homossexual e subestimam as assimetrias de género. A maioria das reivindicações de igualdade em função da orientação sexual e pelo direito à cidadania sexual reduzem as diversidades sexuais e de género a uma categoria generalista LGBT, que normalmente leva à invisibilidade das lésbicas. É necessário criar uma cidadania lésbica de

UMAR – 16 dias de ativismo 2015

reivindicação de participação política e reconhecimento público, que evidencie a diversidade das lésbicas e as interseções com as necessidades e interesses de outros grupos, ao mesmo tempo que salienta os aspetos específicos do facto de serem mulheres que vivem num contexto social de discriminação em função da sua orientação sexual.

Eduarda Ferreira, Psicóloga, desenvolveu um projeto sobre visibilidade lésbica no espaço público no âmbito do Doutoramento em Geografia Humana, na FCSH, UNL. É investigadora no CICS.NOVA Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da FCSH/NOVA, na equipa de investigação Género e Sexualidade. Ativista LGBT, em que se destaca: membro da Direção da Associação Clube Safo - Associação de defesa dos direitos das lésbicas (2002 – 2008); organização e dinamização do LES - Grupo de discussão sobre questões lésbicas (desde 2008); elemento da equipa editorial da LES Online – Publicação digital sobre questões lésbicas; membro da comissão organizadora da Universidade Feminista. Página pessoal www.eferreira.net.

